

Doutrina e Práticas Umbandistas

Cadernos de Umbanda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Omolubá

Doutrina e práticas umbandistas : cadernos de
Umbanda / Omolubá ; coordenação Diamantino
Fernandes Trindade. -- São Paulo : Ícone, 2014.

ISBN 978-85-274-1043-4

1. Umbanda (Culto) 2. Umbanda (Culto) -
Filosofia I. Trindade, Diamantino Fernandes.
II. Título.

09-04875

CDD-299.60981

Índices para catálogo sistemático:

1. Umbanda : Religiões afro-brasileiras
299.60981

Omolubá

Doutrina e Práticas
Umbandistas
Cadernos de Umbanda

Coordenação
Diamantino Fernandes Trindade

2ª edição

**icone**
editora

© Copyright 2014.
Ícone Editora Ltda.

Projeto Gráfico e Ilustrações de Capa
Rodnei de Oliveira Medeiros

Diagramação
Andréa Magalhães da Silva

Revisão
Sandra Santos

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico,
inclusive por meio de processos xerográficos,
sem permissão expressa do editor
(Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados pela
ÍCONE EDITORA LTDA.
Rua Anhanguera, 56/66 - Barra Funda
CEP 01135-000 - São Paulo - SP
Tel./Fax.: (11) 3392-7771
www.iconeeditora.com.br
e-mail: iconevendas@iconeeditora.com.br

O AUTOR E A SUA OBRA

Omolubá nasceu em Itabuna (Bahia). Criou-se em Salvador. Sua formação religiosa iniciou-se desde cedo ao acompanhar familiares entre os anos de 1937 a 1946 ao bairro do Retiro a uma roça num local conhecido por Bate-Folha, onde situava-se o Barracão de Manoel BERNARDINO da Paixão (Bernardino do Bate-Folhas), famoso pai-de-santo (nação de Angola) do candomblé baiano.

Chegando ao Rio de Janeiro em fins de 1948, Omolubá, ao assistir a uma sessão de Umbanda em 1950, ficou curioso e encantado pela existência de um culto inteiramente desconhecido em sua terra natal.

Acossado pela “mediunidade de berço”, que afetava gravemente sua constituição orgânica, socorreu-se da Umbanda, optando daí por diante, definitivamente, pela nova prática religiosa (1960).

Pelas mãos afetivas da Ialorixá Alexandrina dos Santos, mais conhecida por mãe Doca, fez sua iniciação sacerdotal, assumindo integralmente em 1970 sua qualificação como Babalorixá de Umbanda, originando-se daí, o seu nome iniciático **Omolubá**, sagrado pelos seus guias em homenagem ao orixá Omolu.

Indiscutivelmente, cabe a Omolubá entre outros, papel relevante na construção doutrinária da Umbanda. Juntamente com

Israel Cysneiros, falecido em 1985, editam em 1975 a revista **Seleções de Umbanda** que circulou durante três anos consecutivos. Em 1976, ambos, por meio de rigorosa pesquisa de campo que se estendeu inclusive a outros Estados brasileiros, descobrem, verificam, aprofundam e alardeiam para todo o país a verdadeira indetidade astral, filosófica, cultural da Umbanda, como sendo **uma religião tipicamente brasileira** – por sinal a única – nascida no bairro de Neves em Niterói (1908), sendo seu fundador no plano físico, um espírito que a si próprio deu o nome de **Caboclo das Sete Encruzilhadas**, tendo como médium o valoroso e incansável **Zélio de Moraes** (1891-1975).

A importância do reconhecimento da origem e do fundador da Umbanda, foi divulgado por toda a nação, inclusive pelo **Jornal do Telecurso** nº 52 (400 mil exemplares de tiragem e mais de um milhão de teleouvintes).

Sempre com o seu amigo Cysneiros, trouxeram em 1978 para a comunidade umbandista o célebre livro **Fundamentos de Umbanda * Revelação Religiosa**, com normas basilares da novel religião, evidentemente, o primeiro ensaio teológico sobre Umbanda, com o devido respaldo dos Mentores do plano astral dessa área.

Coube ainda a Omolubá, grafar de maneira indelével, a palavra “umbandismo”, quando em agosto de 1977 no **Primeiro Encontro Regional de Umbanda**, realizado no Templo Caminheiros da Verdade, perante centenas de participantes, assegurou: “Se o espírita pratica o espiritismo, nós da Umbanda praticamos o **umbandismo**”.

Durante os anos de 1972 a 1975, psicografou mais de 80 poemas, valendo Menção Honrosa no **IV Concurso Nacional Raimundo Correa de Poesias** em 1984 (Shogun Editora) pela excelência da poesia trazida de além túmulo.

Em 1984, Omolubá, pondo em risco sua integridade física, desloca-se ao plano astral (mediunidade de desdobramento), desvendando a estrutura hierárquica dos Exus na Umbanda, expostos no livro **Maria Molambo - Na sombra e na luz**, 6ª edição desfazendo assim, por completo, fantasiosas e absurdas concepções, inventadas por mentes levianas expostas em livros ou afirmações verbais irresponsáveis.

Escreveu os livros **Umbanda Poder e Magia * Chave da Doutrina** Editora Pallas, 2ª edição e **Magia de Umbanda * Instrução Religiosa** Editora N. Livros 2ª edição. Em 1987, edita e dirige por um ano com Domingos Marques a revista **Projeção Esotérica** de circulação nacional.

Em 1990 em parceria com a jornalista Jacqueline Freitas apresenta uma obra inédita, inteiramente ilustrada, dirigida à juventude brasileira: **YEMANJÁ a Rainha do Mar**.

- Anjos do Apocalipse 2097 Final dos Tempos (esgotado)
- Manual do Jogo de Búzios
- DVD * Revelações de Omolubá na Umbanda
- Tranca-rua das Almas * Do Real para o Sobrenatural
- Coordenação de Pérolas Espirituais para o seu Renascer e Vivendo com Inteligência e Amor

Os Editores

ÍNDICE

1. Umbanda: religião brasileira, 13
2. Aspectos dominantes na Umbanda, 15
3. Umbanda em tempo de história, 17
 - 3.1. Origem e desenvolvimento histórico da Umbanda, 17
 - 3.2. Efemérides da Umbanda, 23
4. Períodos históricos, 27
 - 4.1. Primeiro período, 27
 - 4.2. Segundo período, 28
5. Cosmogonia umbandista, 31
6. As sete linhas da Umbanda, 33
7. Os fundamentos da Umbanda, 37
8. Aspectos estranhos à Umbanda, 39
9. A mediunidade, 41
10. O templo de Umbanda, 45
 - 10.1. Especificação de planta de um templo de Umbanda, 47
11. A sessão de Umbanda, 49
12. As devoções na Umbanda, 51
 - 12.1. Primeira devoção: Saudação a OLORUN ou ZAMBI, 51
 - 12.1.1. Prece a Olorun, 53
 - 12.2. Segunda devoção: Cruzamento e defumação do templo, 54
 - 12.3. Terceira devoção: Saudação ao Peji, 56

- 12.3.1. Saudação dos filhos de fé ao Peji, ao Babalorixá ou Yalorixá, Ogãs e irmãos, 56
- 12.3.2. Saudação do Babalorixá ou da Yalorixá ao Peji e a todos que estão no templo, 57
- 12.3.3. Saudação a Exu, 59
- 12.3.4. Saudação a Exu – Laroîê Exu, 60
- 12.3.5. Os exus e seus cognomes, 61
- 12.3.6. Nomes das pombas-giras, 63
- 12.4. Quarta devoção: Saudação aos Orixás, 64
 - 12.4.1. Oxalá, 64
 - 12.4.1.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicados a Oxalá, 66
 - 12.4.1.2. Cânticos a Oxalá, 67
 - 12.4.2. Yemanjá, 68
 - 12.4.2.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicados a Yemanjá, 69
 - 12.4.2.2. Cânticos a Yemanjá, 70
 - 12.4.3. Nanã, 71
 - 12.4.3.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicados a Nanã, 72
 - 12.4.3.2. Cânticos a Nanã, 72
 - 12.4.4. Omolu, 73
 - 12.4.4.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicados a Omolu, 74
 - 12.4.4.2. Cânticos a Omolu, 75
 - 12.4.5. Oxóssi, 76
 - 12.4.5.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicadas a Oxóssi, 78
 - 12.4.5.2. Cânticos a Oxóssi, 78
 - 12.4.6. Ossãe, 80
 - 12.4.6.1. Cânticos a Ossãe, 81
 - 12.4.7. Xangô, 82
 - 12.4.7.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicadas a Xangô, 83
 - 12.4.7.2. Cânticos a Xangô, 84
 - 12.4.8. Iansã, 86
 - 12.4.8.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicadas a Iansã, 88

- 12.4.8.2. Cânticos a Iansã, 89
- 12.4.9. Oxum, 91
 - 12.4.9.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicadas a Oxum, 92
 - 12.4.9.2. Cânticos a Oxum, 93
- 12.4.10. Oxumarê, 94
- 12.4.11. Ogun, 95
 - 12.4.11.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicadas a Ogun, 97
 - 12.4.11.2. Cânticos a Ogun, 98
- 12.4.12. Ibejes, 103
 - 12.4.12.1. Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicadas aos Ibejes, 104
 - 12.4.12.2. Cantigas de Ibejada, 105
- 13. A sessão de Umbanda, 107
 - 13.1. Caboclos, 107
 - 13.1.1. Pontos cantados dos Caboclos e das Caboclas, 110
 - 13.1.2. Caboclos e Caboclas, 114
 - 13.2. Boiadeiros, 120
 - 13.2.1. Pontos de Boiadeiros, 123
 - 13.2.2. Boiadeiros e seus apelidos, 130
 - 13.3. Pretos-velhos, 133
 - 13.3.1. Veneráveis Protetores, 135
 - 13.3.2. Pontos de Pretos-velhos, 136
 - 13.3.3. As sete lágrimas de um Preto-velho, 142
 - 13.3.4. Salve as Almas, 143
- 14. Exu: o guardião do templo, 149
 - 14.1. Pontos cantados de Exu, 152
 - 14.2. Organograma da legião dos Sete Focos dos Exus de Umbanda no Plano Astral e físico do Brasil, 155
- 15. Alguns elementos que compõem as oferendas aos Orixás de Umbanda, 157
- 16. Iniciação ritualística na Umbanda, 161
 - 16.1. Obrigações essenciais, 163
 - 16.1.2. Primeira obrigação - Vinculação, 163
 - 16.1.3. Segunda obrigação - Exu, 164
 - 16.1.4. Terceira obrigação - Amaci, 165
 - 16.1.5. Quarta obrigação - Oxalá, 166

- 16.2. Obrigações convencionais, 167
 - 16.2.1. Quinta obrigação – Orixás de Cabeça, 167
 - 16.2.2. Sexta obrigação – Sacerdotal, 168
 - 16.2.2.1. Viagem simbólica aos quatro cantos do mundo, 170
 - 16.2.3. Sétima obrigação – Confirmação sacerdotal, 171
- 17. Batizado na Umbanda, 173
- 18. Recapitulando, 175
 - 18.1. Deus Único, 175
 - 18.2. Tríptico aspecto da Manifestação, 177
 - 18.3. Sete tendências (os Sete Raios), 179
 - 18.4. O poder expresso da Divindade, 180
 - 18.5. Símbolos dos Sete Focos – Os pontos riscados, 181
 - 18.6. Os sacramentos, 183
- 19. Apontamentos, 185
 - 19.1. A magia das velas, 203
 - 19.2. Como usar as velas, 203
 - 19.3. Yemanjá – Festejos de fim de ano, 205
 - 19.4. Os orixás e os Sete Raios, 210
 - 19.5. Aspectos dominantes dos Orixás, 211
 - 19.6. Sincretismo da Umbanda com o Cristianismo, 212
 - 19.7. Hino da Umbanda, 216
 - 19.8. O Cruzeiro das Almas, 217
 - 19.9. Credo umbandista, 218
- 20. Poesia, 219
 - 20.1. Canto negro, 219
 - 20.2. Tornar-se negro, 220
 - 20.3. Folhas secas, 223
 - 20.4. Travessia, 224
 - 20.5. Lição de vida – Caminho para a felicidade, 225
 - 20.6. Três pecados, 227
- 21. Problemas do mundo moderno, 229
- 22. Receitas caseiras da Vovó Anastácia – Tratamento com plantas, 233
- 23. Saravá 15 de Novembro, 239
 - 23.1. Declaração de Zélio de Moraes, 239
 - 23.2. Homenagens, 241
- 24. Até sempre..., 243
- 25. Glossário, 245

1. UMBANDA: RELIGIÃO BRASILEIRA

A Umbanda foi trazida do plano astral ao plano físico em 15 de novembro de 1908. Apareceu no bairro de Neves – (4º Distrito de São Gonçalo) – na então pequena cidade de Niterói. O mensageiro e fundador foi um espírito que se nomeou Caboclo das Sete Encruzilhadas. Indagado sobre o nome do culto religioso, disse: *Umbanda*. Quanto à significação do vocábulo, esclareceu: “*Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade*”. O médium daquela insólita presença, um rapaz, de apenas dezessete anos de idade, chamado Zélio de Moraes.



Zélio de Moraes,
(1891 - 1975)

Os fundamentos do novo movimento religioso chegaram em 1978, por meio de um livro psicografado em parte, resultado de intensas pesquisas, intitulado *Fundamentos de Umbanda – Revelação Religiosa*, que muito contribuiu, não só para ratificar e divulgar a



origem daquele culto, como, também, para dar partida em nível estrutural, passando a Umbanda de simples seita à categoria de Religião propriamente dita, inspirada em conceitos teológicos.

O estudo da Umbanda está compreendido em dois períodos distintos de setenta anos: 1908/1978, considerado como *Período Propagação* (estatísticas do IBGE revelam que a Umbanda alcançou vinte milhões de seguidores); o segundo, estabelecido para os anos de 1979/2049, como *Período de Afirmação Doutrinária*, ficando, obviamente, a doutrina como parte essencial, a fim de permitir estabilidade e rumo à nova religião, que implicará na substituição da quantidade pela qualidade, alcançando-se, gradativamente, um descarte das superstições e influências fantasiosas, que dificultam o despertar dos fiéis para o Sagrado.

O Sincretismo na Umbanda é constituído pelo Africanismo, Cristianismo e Hinduísmo, recebendo, contudo, influência do Catolicismo e Espiritismo. Do Africanismo recebeu, para máxima devoção, o Ser Supremo OLORUM ou Zambi e apenas doze orixás do extenso panteon africano, assimilando-os integralmente; do Cristianismo, bebeu das primeiras águas do “*Amai-vos uns aos outros*” e “*Fora da caridade não há salvação*” e de outras sentenças crísticas atinentes a um comportamento fraterno universalista. Do Hinduísmo, a Umbanda aprendeu três Leis: Carma, Reencarnação e Evolução.

A par da efetiva companhia dos “*guias protetores*” e orixás, o umbandista sincero sabe que é de máxima importância a sua própria transformação pessoal, calcada no “*Conhece-te a ti mesmo*”, como tarefa inadiável e primordial, traduzindo-se em todos os instantes, em harmônica vida religiosa.

2. ASPECTOS DOMINANTES NA UMBANDA



- a) Prática de ritual destinado a estabelecer um vínculo mais estreito - por meio do mediunismo - entre os planos físico e astral, tendo como escopo principal a orientação dos que se socorrem no campo da cura físico-astral, desobsessão, pregação doutrinária e renovação moral dos seus seguidores, crença na imortalidade do espírito, obediência às leis do Carma, Reencarnação e Evolução, além de consciente preparo individual para um despertar espiritual.
- b) Vestimentas com predominância da cor branca. Em dias festivos é permitido o uso de toalhas em duas cores - cores dos orixás de cabeça - do devoto.
- c) Pegi com a imagem de Jesus com os braços abertos, ladeado de outras imagens de trabalhadores da Umbanda no plano astral: Pretos-velhos, Caboclos, Boiadeiros, Sereias, Ibejis etc.



- d) Desenvolvimento mediúnico em dias próprios, exclusivamente para médiuns.
- e) Aplicação pelo sacerdote dos Sacramentos da Umbanda: Batismo, Confirmação, Casamento, Sacerdócio e Extrema-unção.
- f) Manipulação da magia, algumas vezes pelo sacerdote competente, quase sempre pelo Guia-chefe da Casa.
- g) Existência de rituais próprios para a Iniciação do devoto praticante, no sentido de melhor aprimoramento religioso, visando a alcançar a Linha Sacerdotal, seja por vontade própria ou determinação dos seus guias mentores.

3. UMBANDA EM TEMPO DE HISTÓRIA

3.1. Origem e desenvolvimento histórico da Umbanda

1. Em fins do século passado, existiam, no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto que denotavam, nitidamente, a origem africana, embora já bem distanciadas da crença trazida pelos escravos. A magia dos velhos africanos, transmitida oralmente, através de gerações, desvirtuara-se, mesclada com as feitiçarias provindas de Portugal, onde, no dizer de Morales de los Rios, existiram sempre feitiços, rezas e superstições.

As “macumbas” - mistura de catolicismo, fetichismo negro e crenças nativas - multiplicavam-se; tomou vulto a atividade remunerada do feiticeiro, o “trabalho feito” passou a ordem do dia, dando motivo a outro, para lhe destruir os efeitos maléficos; generalizaram-se os “despachos”, visando a obter favores para uns e prejudicar terceiros; aves e animais eram sacrificados, com as mais diversas finalidades; exigiam-se objetos raros para homenagear entidades ou satisfazer elementos do baixo astral. Sempre, porém, obedecendo aos objetivos primordiais: aumentar a renda do feiticeiro ou “derrubar”

- termo que esteve muito em voga - os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhe concorrência.

Os Mentores do Astral Superior, porém, estavam atentos ao que se passava. Organizava-se um movimento destinado a combater a magia negativa que se propagava assustadoramente, cumpria atingir, de início, as classes humildes, mais sujeitas às influências do clima de superstições que imperava na época.

Formaram-se, então, as falanges de trabalhadores espirituais, que se apresentariam na forma de Caboclos e de Pretos-velhos, para mais facilmente serem compreendidos pelo povo. Nas sessões espíritas, porém, não foram aceitos: identificados sob essas formas, eram considerados espíritos atrasados e suas mensagens não mereciam nem mesmo uma análise. Acercaram-se também dos Candomblés e dos cultos então denominados "baixo espiritismo" - as macumbas. É provável que, nestes, como nos Batuques do Rio Grande do Sul, tenham encontrado acolhida, com a finalidade de serem aproveitados nos trabalhos de magia, como elementos novos no velho sistema de feitiçaria.

A situação permanecia inalterada, ao iniciar-se o ano de 1900. As determinações do Plano Astral, porém, deveriam cumprir-se.

2. Em 15 de novembro de 1908, compareceu a uma sessão da Federação Espírita, em Niterói, então dirigida por José de Souza, um jovem de 17 anos, de tradicional família flu-

"Não importa quantos passos Você deu para trás. Importa quantos passos Você vai dar para frente - Décio Melhem."

"E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai... - Jesus".

minense. Chamava-se ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES. Restabelecera-se, no dia anterior, de moléstia cuja origem os médicos haviam tentado, em vão, identificar. Sua recuperação inesperada por um espírito causara enorme surpresa. Nem os doutores que o assistiam nem os tios, sacerdotes católicos, haviam encontrado explicação plausível. A família atendeu, então, à sugestão de um amigo, que se ofereceu para acompanhar o jovem Zélio à federação.

3. Zélio foi convidado a participar da Mesa. Iniciados os trabalhos, manifestaram-se espíritos que se diziam de índios e escravos. O dirigente advertiu-os para que se retirassem. Nesse momento ZÉLIO sentiu-se dominado por uma força estranha e ouviu sua própria voz indagar porque não eram aceitas as mensagens dos negros e dos índios e se eram eles considerados atrasados apenas pela cor e pela classe social que declinavam. Essa observação suscitou quase um tumulto. Seguiu-se um diálogo acalorado, no qual os dirigentes dos trabalhos procuravam doutrinar o espírito desconhecido que se manifestava e mantinha argumentação segura. Afinal, um dos videntes pediu que a entidade se identificasse, já que lhe aparecia envolta numa aura de luz.

- Se querem um nome - respondeu ZÉLIO indiretamente mediunizado - que seja este: sou o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, porque para mim não haverá caminhos fechados.

E, prosseguindo, anunciou a missão que trazia: estabelecer as bases de um culto, no qual os espíritos de índios

“O melhor lugar do mundo é aqui e agora - Gilberto Gil.”

“Por favor não confundam Umbanda com um bando de pessoas irresponsáveis, inconsequentes sem nenhuma consciência do que praticam - Omolubá/1978.”

e escravos viriam cumprir as determinações do Astral. No dia seguinte, declarou ele, estaria na residência do médium, para fundar um templo, que simbolizasse a verdadeira igualdade que deve existir entre encarnados e desencarnados.

- Levarei daqui uma semente e vou plantá-la no bairro de Neves, onde ela se transformará em árvore frondosa.

4. No dia seguinte, 16 de novembro de 1908, na residência da família do jovem médium, na Rua Floriano Peixoto, 30, em Neves, bairro de Niterói, a entidade manifestou-se, pontualmente no horário previsto - 20 horas.

Ali se encontravam quase todos os dirigentes da Federação Espírita, amigos da família, surpresos e incrédulos, e grande número de desconhecidos, que ninguém poderia dizer como haviam tomado conhecimento do ocorrido. Alguns aleijados aproximaram-se da entidade, receberam passes e, ao final da reunião, estavam curados. Foi essa uma das primeiras provas da presença de uma força superior.

Nessa reunião, o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS estabeleceu as normas do culto, cuja prática seria denominada "sessão" e se realizaria à noite, das 20 às 22 horas, para atendimento público, totalmente gratuito, passes e recuperação de obsedados. O uniforme a ser usado pelos médiuns seria todo branco, de tecido simples. Não se permitiria retribuição financeira pelo atendimento ou pelos trabalhos realizados. Os cânticos não seriam acompanhados de atabaques nem de palmas ritmadas.

A esse novo culto, que se alicerçava nessa noite, a entidade deu o nome de UMBANDA, e declarou fundado o primeiro templo para a sua prática, com a denominação de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, porque:

" Confessar seus defeitos é indício de bom senso."

“assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria os que a ela recorressem, nas horas de aflição”.

Por intermédio de Zélio manifestou-se, nessa mesma noite, um Preto-velho, Pai Antônio, para completar as curas de enfermos iniciadas pelo Caboclo. E foi ele quem ditou este Ponto, hoje cantado no Brasil inteiro:

“Chegou, chegou, chegou, com Deus,
Chegou, chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

5. A partir dessa data, a casa da família de Zélio tornou-se a meta de enfermos, crentes, descrentes e curiosos. Os enfermos eram curados; os descrentes assistiam a provas irrefutáveis; os curiosos constataavam a presença de uma força superior, e os crentes aumentavam, dia a dia.

Cinco anos mais tarde, manifestou-se o Orixá Malé, exclusivamente para a cura de obsedados e o combate aos trabalhos de magia negra.

6. Passados dez anos, o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS anunciou a segunda etapa da sua missão: a fundação de sete templos, que deveriam constituir o núcleo central para a difusão da Umbanda.

A Tenda da Piedade trabalha ativamente, produzindo curas, principalmente a recuperação de obsedados, considerados loucos, na época. Já se contavam então às centenas e as curas realizadas pela entidade, comentadas em todo o Estado e confirmadas pelos próprios médicos, que recorriam à Tenda, em busca da cura dos seus doentes. E o Caboclo indicava, nas relações que lhe apresentavam com o nome dos enfermos, os que poderia curar: eram os obsedados, portadores de moléstias de origem psíquica; os outros, dizia ele, competia à medicina curá-los. (*Relato de Marinho M.*

“Quem se arrepende de ter pecado, é quase inocente.”

Ferreira). Zélio, então casado, por determinação da entidade, recolhia os enfermos mais necessitados em sua residência, até o término do tratamento astral. E muitas vezes, as filhas, Zélia e Zilmeia, crianças ainda, cediam o seu aposento e dormiam em esteiras, para que os doentes ficassem bem acomodados.

7. Nas reuniões de estudos que se realizavam às quintas-feiras, a entidade preparava os médiuns que seriam indicados, posteriormente, para dirigir os novos templos. Fundaram-se, assim, as Tendras N. Sra. Da Guia, N. Sra Da Conceição, Santa Bárbara, São Pedro, Oxalá, São Jorge e São Jerônimo. Seus dirigentes foram: Durval de Souza, Leal de Souza, João Aguiar, José Meireles, Paulo Lavois, João Severino Ramos e José Álvares Pessoa, respectivamente.

8. Pouco depois a UMBANDA começou a expandir-se pelos Estados. Em São Paulo, fundaram-se, na capital, 23 tendas e 19, em Santos. E, a seguir, em Minas, Espírito Santo, Rio Grande do Sul. Em Belém – relata Evaldo Pina – fundou-se a Tenda Mirim de São Benedito, dirigida por Joaquim e Consuelo Bentes. Ele, capitão do Exército, que servia na Capital da República, transferiu-se para o Pará, exclusivamente para levar a mensagem do CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.
Confirmava-se a frase pronunciada na Federação Espírita: “Levarei daqui uma semente e vou plantá-la no bairro de Neves, onde ela se transformará em árvore frondosa...”

9. Em 1937, os templos fundados pelo CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS reuniram-se, criando a Federação Espírita de Umbanda do Brasil, posteriormente denominada União Espiritualista de Umbanda do Brasil. E, em 1947, surgiu o JORNAL DE UMBANDA que, durante mais de vinte anos, foi um órgão doutrinário de grande valor.

ZÉLIO DE MORAES instalou federações umbandistas em São Paulo e Minas Gerais.

3.2. Efemérides da Umbanda

15 de novembro de 1908 – Zélio de Moraes, com dezessete anos, mediunizado com uma entidade que deu o nome de CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, funda, em Neves, subúrbio de Niterói, o primeiro Terreiro de Umbanda. Usa pela primeira vez o vocábulo UMBANDA, atende a milhares de pessoas doentes e define o movimento religioso como: *“Uma manifestação do espírito para a caridade”*.

Novembro de 1918 – O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS dá início à fundação de sete Tendias de Umbanda e as entrega aos srs. Durval de Souza, João Aguiar, Leal de Souza, José Meireles, Paulo Lavois, João Severino Ramos e José Álvares Pessoa. Todas as Tendias foram fundadas no Rio de Janeiro, sendo a última em 1937.

Ano de 1920 – A Umbanda espalha-se pelos Estados de São Paulo, Pará e Minas Gerais. Em 1926, chega ao Rio Grande do Sul o primeiro Terreiro de Umbanda, fundado por Otacílio Charão, na cidade de Rio Grande. Em 1932, Laudelino de Souza Gomes funda um terreiro de Umbanda em Porto Alegre, o primeiro naquela Capital.

Ano de 1939 – Os templos fundados pelo CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS reuniram-se, criando a Federação Espírita de Umbanda do Brasil, posteriormente denominada União Espiritualista de Umbanda do Brasil, incorporando dezenas de outros terreiros fundados por inspiração de “entidades” de Umbanda que trabalhavam ativamente no astral sob orientação do fundador da Umbanda.

Outubro de 1941 - Reúne-se o Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda. Outros Congressos havidos posteriormente retiraram acertadamente o nome espiritismo que, de fato, pertence aos espíritas brasileiros, os quais seguem a respeitável doutrina codificada por Alan Kardec. Em suma, o espírita pratica o *espiritismo*; na Umbanda pratica-se o *umbandismo*.

Dia 12 de setembro de 1971 - Criado na Cidade do Rio de Janeiro o primeiro organismo de caráter nacional. Tomou o nome de CONDU - Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda* cujos órgãos fundadores foram:

União Espiritualista de Umbanda do Brasil

Presidente - Floriano Manoel da Fonseca †

Primado de Umbanda

Presidente - Domingos dos Santos †

Congregação Espírita de Umbanda do Brasil

Presidente - Martinho Mendes Ferreira

Confederação Nacional E. Umbandista e dos Cultos Afros

Presidente - Mauro do Rego Monteiro Porto †

Federação Nacional das Sociedades Religiosas de Umbanda

Presidente - Jerônimo de Souza

*Contam-se atualmente mais de 46 Federações, de norte a sul do país, reunindo representantes de mais de 40.000 Terreiros de Umbanda.